

Túnel do tempo

Júlio é um nome relativamente comum, apesar de ter perdido prestígio nas últimas gerações. Na Câmara, entre aqueles que doam energia vital aos processos simbólicos desembarcados das caravelas, Júlio Garcez foi o primeiro a me apresentar uma percepção do tempo diferente da dos relógios de ponto e dos cronogramas eleitorais.

Ele era fascinado por Cortázar, outro Júlio devorado pelas dobras momentâneas do tempo que costumam deformar a paisagem interna dos artistas, dos loucos e dos profetas. Gostava especialmente do conto intitulado *El Perseguidor*, no qual um músico de jazz é tomado pelo tempo vertical que domina o espírito extático dos místicos em transe e dos xamãs em contato com seus semelhantes desencarnados.

Enquanto toca, o jazzista descola-se do tempo cronológico para se lançar numa conexão profunda com a música cósmica, sua fonte de inspiração e de todos os que, na esteira dos tambores de osso e dos preceitos pitagóricos, perceberam a harmonia oculta das esferas e dos números que há em tudo que é vivo e manifesto.

Para Júlio Garcez, o veículo de transporte temporal eram as esteiras rolantes que conectam, sob a via S2, o Anexo IV ao prédio principal da Câmara. Ir e vir, de um lado a outro, em sequência contínua, sem propósito aparente, havia se transformado num hábito ritualístico, imperceptível para quem não tivesse, por acaso, repetido o mesmo trajeto circular.

No meio do caminho, em direção ao guichê da companhia aérea, esquecido do papel com as anotações da reserva, tive que fazer meia volta no fim da esteira e vi que Júlio repetia o processo de forma continuada. Voltar uma vez seria normal, mas depois da segunda e terceira repetições, certamente a intenção ultrapassava a lógica dos formulários e protocolos.

Ele não estava de olhos fechados, mas era como se estivesse. Permanecia imóvel, a mão apoiada no corrimão mecânico, tronco e pescoço eretos, pés juntos, lábios entreabertos, respiração cadenciada.

Não foi muito fácil nos tornarmos amigos. Mas também não foi muito difícil. Quando disse que conhecia Cortázar e seu conto preferido, ele decidiu compartilhar comigo a percepção inusitada da realidade, transformada em rota de fuga no quadro que se repetia monotonamente entre as paredes que sustentavam o prédio onde trabalhava há muitos anos.

Ele costumava fazer sua passagem pelo Túnel do Tempo no meio da tarde, geralmente em torno de quatro e meia. Não havia dia certo. Quase

nunca às terças e quartas, dias mais agitados por causa das votações. Quase sempre às quintas-feiras.

Por coincidência, encontramos-nos outra vez no dia seguinte e conversamos rapidamente sobre Cortázar, quando ele mencionou o comentário de Johnny, o personagem principal em *El Perseguidor*, que para explicar sua relação com a música, dizia que, quando tocava, era como se subisse num elevador que o transportava no tempo.

– Nós também fazemos isso quando subimos nos elevadores do prédio principal – ele falou. – Vamos conversando, como se tudo estivesse igual, e quando chegamos lá em cima, quando acabamos a frase que havíamos começado, já estamos no vigésimo andar. Num passe de mágica, estamos a muitos metros de distância do chão, num ambiente totalmente diferente.

Ficou por alguns momentos em silêncio e completou:

– Com o tempo também acontece assim. Podemos entrar em outro tempo.

Visitá-lo em sua sala, nos subterrâneos do Amarelão, seria pouco proveitoso, e violaria os códigos não escritos de nossa amizade precária. Então, decidi aguardar que a oportunidade se repetisse na esteira, o que ocorreu duas semanas depois.

Ele usava um paletó preto muito gasto, sem gravata, calça jeans e um sapato também preto, bem velho, com cadarços emendados.

– O Supremo se mexeu – lancei a provocação a esmo, mas não obtive resposta. A crise entre os Poderes não parecia interessá-lo.

Demos três voltas nas esteiras, em silêncio. Ele não se movia. Quando me aproximei, fez um gesto com a cabeça, aceitando minha presença, mas depois permaneceu imóvel. Parecia em transe. Era um daqueles momentos em que perdia a noção do tempo e se transportava para um diálogo interior no qual, como ele próprio descreveria depois, conversava com o silêncio e sentia como se as paredes se curvassem para o centro, pressionando seu corpo para cima, na direção do céu. O céu superior onde a mão divina impedia que os astros saíssem de suas órbitas. Cada evento singular não é apenas o colapso de uma curva de probabilidades?

No meio da terceira volta, ele virou levemente o rosto e começou a proferir um discurso desconexo, que logo evoluiu para a enumeração de referências que pareciam ter alguma relação com uma percepção diferenciada da formação do tempo.

No meio do transe, ele saiu da esteira e subiu a escada rolante que o conduziria à saída do prédio, ao corredor das comissões, ao corredor de acesso ao plenário ou à biblioteca. Não se despediu, não disse para onde

ia. Pouco importava. Recostado sobre o veludo que reveste as paredes do canal subterrâneo, tomei nota das citações que consegui lembrar, imaginando, erroneamente, que um dia poderia discutir com ele o vínculo entre as palavras que pareciam sugerir um caminho de acesso a um tempo distinto do tempo ordinário.

Na semana seguinte ele estava mais comunicativo:

– De quê a História conta uma história?

Ele estava se referindo a Eudoro de Sousa, o filósofo luso-brasileiro, pioneiro da Universidade de Brasília, que o havia surpreendido com um texto sobre mitologia em que discorria sobre os conceitos de Lonjura e Outrora, presença do presente e presença do passado.

Em *História e Mito* – um dos livros que compõem sua obra nuclear, juntamente com *Mistério e Surgimento do Mundo e Horizonte e Complementariedade* – Eudoro de Sousa discorre sobre sua concepção bipolar da História, na qual uma mesma antiguidade assume diferentes formas, de acordo com a atualidade que a observa.

Assim como, na dimensão espacial, próximo e distante têm como horizonte a Lonjura, na dimensão temporal, atual e antigo têm como horizonte o Outrora, outra hora, aquela que está para além do que possa ser alcançado pelo olhar investigador da História. Da mesma forma que, por mais que nos esforcemos, jamais alcançaremos o horizonte que vemos diante de nossos olhos, nunca a História alcançará a presença do passado, prisioneira que está da presença do presente.

O mais ou menos antigo está separado do atual por um tempo que se pode medir por escala humana, mas o passado é inescrutável, pois pertence à dimensão do Outrora, horizonte temporal nunca alcançável, tanto quanto é inatingível o horizonte espacial, infinitamente distante de passadas humanas.

No desdobrar-se descontínuo da História, cada Época vê de forma própria o antigo que se situa ao longo do segmento de reta que forma a presença do presente. Dessa forma haveria uma Grécia renascentista, uma Grécia barroca, uma Grécia neoclássica, e assim por diante. O que vemos no antigo é reflexo do presente ao qual está ligado de forma indissolúvel, na composição bipolar em que um e outro se revelam de acordo com o regime de fascinação que torna possível uma época histórica.

– Cada presente tem o passado que merece.

Inicialmente pensei que Júlio se referia às falsificações de fatos e documentos, às interpretações forçadas de acontecimentos que justificam a tese de que a História é constantemente reescrita pelos grupos que se alternam no poder.

Mas não. Nada mais distante das intenções daquele personagem insuado, que não mostrava qualquer interesse pelos movimentos da política partidária ou pelos confrontos entre correntes ideológicas.

Quando voltei a me encontrar com ele, uma semana depois, aceitei de bom grado participar de uma simulação didática sobre os conceitos que compunham aquela visão da História.

De pé, antes do início da esteira rolante, pediu que me colocasse em movimento.

– Você está próximo – me disse ele, mostrando-me sua mão espalmada, à medida que eu me afastava. – Agora distante. Mais distante, mais distante. Ainda mais distante – ele dizia, empurrando o espaço com a mão.

Depois pediu que eu retornasse e começasse o mesmo processo. À medida que eu me afastava, ele repetiu o gesto, substituindo a referência espacial pela referência temporal.

– Você está atual. Agora antigo. Mais antiguidade. Ainda mais antiguidade.

Finalmente, subimos juntos na esteira.

– Você vê? Estamos nos afastando do ponto de partida. Se aquele ponto é o atual, nós estamos nos tornando cada vez mais antigos. Mais antigos, mais antigos... Mas qualquer ponto dessa antiguidade ainda pertence à mesma presença do presente. Se olharmos, daquele ponto de partida, veremos, ao longo da esteira, em qualquer ponto da esteira que se afasta, diferentes antiguidades, e todas participam da mesma presença do presente.

Então, quando chegamos ao final, ele disse:

– Mas há um limite, um horizonte temporal. Quando termina a esteira, começa a presença do passado. E entre os dois, entre presença do presente e presença do passado, existe um abismo, impossível de percorrer. A História alcança até onde vai a esteira. Depois, vem o que está para além do horizonte, vem a insondável presença do passado.

Claro que quando ele se despediu de mim, de forma rápida e cortês, como sempre, eu não tinha entendido o que exatamente ele queria dizer. Depois de ler com cuidado a obra de Eudoro de Sousa, e de refletir sobre o texto, pude compreender os conceitos que Júlio me apresentara. No entanto, quanto mais dominava os conceitos, mais percebia que havia algo que os ultrapassava na estratégia daquele homem alto e magro, cujas mãos, cabeça e nariz haviam crescido desproporcionalmente em relação ao restante do corpo.

A teoria, que podia ter validade universal, havia sido incorporada em sintoma por uma personalidade que procurava dar forma ao movimento que tangenciava perigosamente a trajetória dos loucos, que, como os poetas, fazem contato com o tempo vertical e nele podem se perder.

O discurso obsessivo de Júlio sobre os caminhos da História revelava os transtornos de uma subjetividade aprisionada em si mesma e que por isso perdia a elasticidade necessária ao trânsito entre o atual e o antigo e se lançava num agora instantâneo, que comprime presente, passado e futuro numa espécie de droga existencial que acena com a perspectiva ilusória de uma satisfação intensa e duradoura.

A repetição, vezes sem conta, do mesmo percurso, nas esteiras que unem partes distintas da Câmara dos Deputados, a passagem, de forma obsessiva, de uma para outra esteira, o caminhar do atual para o antigo e, de novo, do antigo para o atual, escondia a esperança de que, por uma dádiva inexplicável, ele saltasse sobre o abismo que separa o ponto mais antigo da presença do presente daquele ponto que marca o início da presença do passado e com isso pudesse ver abrirem-se as portas de outro tempo e de outro mundo.

Não era à toa que ele gostava tanto do conto de Cortázar. Assim como o personagem do conto, ele mirava o que não está à vista de olhos acostumados com a luz ordinária dos dias que compõem a rotina previsível dos registros históricos. À espera de um êxtase que o conectasse com a percepção extraordinária dos místicos e dos profetas, ele também era, a sua maneira, um perseguidor.

Quando soube que ele havia se aposentado, lamentei não tê-lo conhecido antes. Pressenti que não o veria mais e que não teria a chance de aprofundar nosso diálogo.

Sempre que entro nos elevadores do prédio principal, recordo-me de nossas conversas e das últimas palavras que o ouvi dizer, em referência ao título de outro conto de Cortázar, brilhante síntese de uma movimentação silenciosa: Casa Tomada.